

Capítulo XXIX - UM ATALHO TRAIÇOEIRO

Ao longo de nossas vidas podemos tomar parte em vários tipos de acidentes, com maior ou menor chance de nos causar traumas de consequências variadas. Há situações de baixo impacto emocional, geralmente tratadas como incidentes. Por exemplo, quando um trapezista cai, porque não conseguiu completar adequadamente uma acrobacia, ele sabe que uma rede irá ampará-lo na queda e reduzirá a probabilidade de uma grave lesão.

No outro extremo da escala de riscos estão os acidentes inesperados, com mudança súbita da situação de tranquilidade dos protagonistas para um estado crítico que pode ser fatal. Um caso ilustrativo: um motorista interagindo com a sua família, passeando durante um dia ensolarado em uma estrada bem sinalizada, respeitando os limites de velocidade. De repente, um animal de grande porte surge do acostamento e atravessa a via velozmente. O violento choque torna-se inevitável e o destino de cada passageiro fica traçado nesse momento. Diante dessas inesperadas circunstâncias, quem conseguirá encontrar os meios para sobreviver?

Existe uma variedade enorme de acidentes nos quais a tranquilidade reinante se transforma em terrível pesadelo em uma fração de segundo e a pessoa fica limitada, ou quase impossibilitada, de reagir, perdendo a vida ou lesionando-se seriamente.

Eu entendo que o naufrágio do Bateau Mouche deva ser enquadrado no rol dos gravíssimos acidentes em função das suas circunstâncias, quando uma animada festa se transformou em um pandemônio em um estalar de dedos.

Algumas pessoas podem alegar que os passageiros tiveram suficientes sinalizações de perigo, antes que o pior acontecesse. Mas, é importante destacar que o fato de todos terem sido arremessados ao mar na escuridão, em um curto período de tempo, limitou drasticamente as possibilidades para que salvassem suas vidas. Eu mesmo fui testemunha da experiência de um passageiro que, prudentemente, vestiu um colete salva-vidas, mas não sobreviveu.

Capítulo XXIX - UM ATALHO TRAIÇOEIRO

Surpreende, no entanto, eu afirmar, agora, que o Bateau Mouche não representou o episódio na minha vida que poderia ser o mais letal para mim. Embora com todos os desdobramentos trágicos do naufrágio, logo no seu início, ao emergir do súbito mergulho sem ferimentos, graças à proteção divina, eu tinha certeza de que sairia vivo daquela desgraça, inclusive se tivesse que nadar até a praia Vermelha. A minha longa permanência no mar deveu-se ao compromisso pessoal de encontrar a minha namorada e, como consequência dessa decisão, ter participado de várias situações de socorro a vítimas.

No entanto, foi em outro acidente, aparentemente bem menos complexo, que fiquei separado da morte por alguns segundos, sem a menor esperança que surgisse algum tipo de socorro nesse mínimo intervalo de tempo. E ali, de cima do convés do Casablanca, olhando a água em lenta movimentação, eu comecei a revisitar aquele fatídico dia, já tão longínquo.

Era o verão de 1974, mais especificamente a semana do Carnaval. Eu cursava engenharia química na Universidade Federal do Rio de Janeiro e namorava uma colega de turma. Fazíamos estágio na Petrobras e decidimos passar aqueles dias de folga em Guarapari, no Espírito Santo, em um apartamento da família dela.

O meu pai tinha comprado, pouco tempo antes, um Opala cupê 0 Km, na cor vinho, fabricado pela Chevrolet. O carro era um dos automóveis mais confortáveis produzidos no Brasil na época. Ele não titubeou em me emprestar o Opala para a viagem, quando fiz o pedido.

Eu havia tirado a minha carteira de habilitação assim que completei 18 anos, em 1970. Além de uma viagem para São Paulo pela rodovia Presidente Dutra, eu tinha boa experiência acumulada nas idas e vindas diárias à ilha do Fundão, onde estudava, utilizando a caótica Avenida Brasil, repleta de caminhões e ônibus incontroláveis.

A viagem até Guarapari pela BR-101 foi bem tranquila e curtimos ótimos dias de Carnaval, aproveitando a praia e os restaurantes da cidade, sempre prestigiando os saudáveis pratos de frutos do mar. Porém, já na terça-feira passamos a nos defrontar com a escassez de programas alternativos. E, via de regra, o marasmo tende a incomodar os mais jovens. Começamos a avaliar, então, viagens curtas pela região que permitissem o retorno para Guarapari no final da tarde.

Capítulo XXIX - UM ATALHO TRAIÇOEIRO

Na quinta-feira, com o mapa rodoviário aberto, começamos a analisar as opções de passeio e concluímos que a melhor alternativa era conhecer as praias da cidade de Marataízes, localizada ao sul de Guarapari. Embora houvesse um caminho mais curto, costeando o litoral, achei mais prudente utilizar a BR-101. Essa alternativa aumentava a viagem em cerca de 20 minutos, mas como estávamos a passeio, o critério de menor tempo de viagem não era preponderante.

Tudo planejado, na sexta-feira, 1º de março, de manhã cedo, entramos no carro rumo a Marataízes. O Opala tinha algumas características interessantes com o objetivo de dar-lhe uma aparência de modelo arrojado. Embora não fosse raro na época, o carro só tinha portas dianteiras. Para ter acesso ao banco traseiro, as extremidades do encosto do banco dianteiro – inteiriço, capaz de acomodar com conforto duas pessoas, além do motorista – eram facilmente deslocadas para a frente, abrindo espaço para a pessoa passar. A alavanca de câmbio era localizada na coluna da direção.

Com relação à segurança, o carro só dispunha de cintos abdominais, pois o tipo de 3 pontos ainda não era disponibilizado nos modelos que saíam das fábricas. O travamento das portas não era elétrico, sendo feito mediante pressão manual para baixo de um pino vertical instalado na porta, na parte inferior de cada janela. Como havíamos colocado em dúvida o tipo de programação musical das estações de rádio capixabas, levei para Guarapari um gravador portátil e várias fitas-cassete com a minha seleção de músicas.

Pela indicação do mapa, iríamos pela estrada asfaltada até o trevo de acesso a Cachoeiro de Itapemirim à direita, em direção ao interior, e a Marataízes à esquerda, no sentido do litoral. Porém, alguns quilômetros antes de chegar ao trevo, surgiu uma pequena placa no acostamento sinalizando um caminho para Marataízes, à esquerda. Nesse momento, a minha racionalidade, que havia prevalecido na escolha do trajeto mais longo, porém, mais seguro, foi superada pela vontade de chegar logo à Marataízes, e sugeri pegar aquele atalho. Ao concordarmos com a opção, definimos o caminho para a tragédia.

Capítulo XXIX - UM ATALHO TRAIÇOEIRO

Saindo do acostamento, cruzamos a rodovia e entramos na estrada indicada pela placa. Para a nossa surpresa, era uma estrada de terra, com largura suficiente somente para a passagem de 2 carros. Olhando ao redor, era possível identificar que não havia elevações no horizonte e concluí que já estávamos na baixada litorânea que se estenderia até Marataízes. O trecho onde estávamos trafegando era um pouco sinuoso e a minha reduzida experiência em dirigir em piso de terra requeria cautela e baixa velocidade.

Mesmo assim, após uma curva e sem qualquer sinalização, deparei-me com uma ponte muito estreita, de madeira trançada, tipo mata-burro. Com pouca distância para centralizar o carro de modo a passar de forma adequada pela rudimentar estrutura, instintivamente, acionei o pedal do freio. O carro, no entanto, derrapou na terra e a frente do veículo tomou a direção da lateral da estrada, antes de chegar à ponte.

Pesado e sem responder ao meu comando no volante, o automóvel continuou o seu movimento de saída da estrada e começou a descer o barranco, em direção ao leito do pequeno rio que passava por debaixo da ponte.

Próximo à água, a frente do carro chocou-se com a parte inferior do barranco e devido ao impacto, associado à dinâmica do seu movimento, a traseira se elevou, fazendo o veículo girar 180° sobre o seu eixo transversal hipotético, para, em seguida, o teto chocar-se contra a superfície da água, ficando o Opala em uma posição paralela à margem do rio, ao final da capotagem.

